

Prefácio

No qual se estabelece que, apesar de seus nomes em *os e is*, os heróis da história que teremos a honra de contar aos nossos leitores nada têm de mitológicos

Há cerca de um ano, ao realizar pesquisas para minha história de Luís XIV na Biblioteca Real, dei por acaso com as *Memórias do sr. d'Artagnan*, impressas – como a maior parte dos livros dessa época, em que os autores falavam a verdade sem precisar dar um passeio mais ou menos longo até a Bastilha – em Amsterdã, por Pierre Le Rouge. O título me seduziu: levei-as para casa, autorizado pelo sr. bibliotecário-chefe, naturalmente, e as devorei.

Não sendo minha intenção fazer aqui uma análise desse curioso livro, contento-me em recomendá-lo àqueles de meus leitores que apreciam quadros de época. Lá, encontrarão retratos desenhados com mão de mestre; e, embora esses esboços sejam, na maior parte do tempo, rabiscados em portas de caserna e paredes de cabaré, nem por isso meus leitores deixarão de identificar, tão fidedignas quanto na história do sr. Anquetil, os perfis de Luís XIII, Ana da Áustria, Richelieu, Mazarino e da maioria dos cortesãos da época.

Porém, como é sabido, o que impressiona o temperamento voluntarioso do poeta nem sempre é o que impressiona a massa dos leitores. Ora, a despeito de admirarmos, como possivelmente outros o farão, os detalhes que assinalamos, o que mais nos intrigou foi uma coisa à qual, muito possivelmente, ninguém antes de nós tinha dado a mínima atenção.

D'Artagnan conta que, em sua primeira visita ao sr. de Tréville, capitão dos mosqueteiros do rei, encontrou na antecâmara três rapazes pertencentes à ilustre corporação na qual ele solicitava a honra de ser aceito, cujos nomes eram Athos, Porthos e Aramis.

Francamente, esses três nomes estrangeiros nos causaram espécie e, na hora, ocorreu-nos que não passaríamos de pseudônimos, com a ajuda dos quais d'Artagnan disfarçara nomes talvez ilustres, isso no caso de os portadores desses nomes de empréstimo não os terem escolhido eles mesmos no dia em que, por capricho, insatisfação ou penúria, envergaram o modesto uniforme de mosqueteiro.

Desde então, não tivemos mais descanso, pois não encontramos em obras contemporâneas qualquer vestígio desses nomes extraordinários, que tanto haviam aguçado nossa curiosidade.

O rol dos livros que lemos para alcançar esse objetivo bastaria para ocupar um capítulo inteiro, o que talvez fosse bastante instrutivo, mas seguramente pouco divertido para os nossos leitores. Julgamos suficiente, portanto, informar-lhes que, prestes a abandonar nossas buscas, desanimados diante de tantas investigações infrutíferas, encontramos finalmente, guiados pelos conselhos de nosso ilustre amigo e cientista Paulin Paris, um manuscrito *in-folio*, cotado sob o nº 4772 ou 4773, não lembramos muito bem, tendo por título: *Relato do sr. conde de La Fère concernente a alguns fatos ocorridos na França no fim do reinado de Luís XIII e início do reinado de Luís XIV.*

Qual não foi nossa alegria quando, ao folhear tal manuscrito, uma última esperança, encontramos na vigésima página o nome de Athos, na vigésima sétima o nome de Porthos e na trigésima primeira o nome de Aramis!

A descoberta de um manuscrito completamente desconhecido, numa época em que a ciência histórica acha-se avançadíssima, pareceu-nos quase milagrosa. Corremos então a requerer autorização para imprimi-lo, no intuito de um dia candidatarmo-nos, com a bagagem de outros, na Academia das Inscrições e Belas-Letras, caso não conseguíssemos, coisa bastante plausível, entrar na Academia Francesa com a nossa própria. Essa autorização, cumpre dizê-lo, foi-nos graciosamente concedida – o que aqui registramos para dar

um desmentido público aos maldosos, segundo os quais vivemos sob um governo muito mediocrementemente receptivo aos literatos.

Ora, é a primeira parte desse precioso manuscrito que hoje oferecemos aos nossos leitores, restituindo-lhe o título que lhe cabe e assumindo o compromisso – no caso de, como não duvidamos, esta primeira parte receber os louros a que faz jus – de publicar imediatamente a segunda.

Enquanto isso, como o padrinho é um segundo pai, convidamos o leitor a comunicar-nos, e não ao conde de La Fère, seu deleite ou o seu tédio.

Dito isto, passemos à nossa história.

1. *Os três presentes do sr. d'Artagnan pai*

NA PRIMEIRA SEGUNDA-FEIRA do mês de abril de 1625, a aldeia de Meung, onde nasceu o autor do *Romance da rosa*, parecia viver uma revolução tão explosiva como se os huguenotes tivessem irrompido para fazer uma segunda Rochelle. Muitos aldeões, vendo as mulheres fugirem para o lado da rua Grande, ouvindo o choro das crianças na soleira das portas, corriam para vestir a couraça e, reforçando seu aparato, um tanto duvidoso, com um mosquete ou uma partasana, dirigiam-se à estalagem do Franc Meunier, diante da qual se espremia, engrossando a cada minuto, um grupo compacto, ruidoso e picado pela curiosidade.

Nessa época, as desordens eram comuns e não se passavam muitos dias sem que uma ou outra cidade registrasse em seus anais algum acontecimento desse gênero. Havia os senhores que guerreavam entre si; havia o rei que guerreava contra o cardeal; havia o Espanhol que guerreava contra o rei. Além disso, afora essas guerras em surdina ou públicas, secretas ou ostensivas, havia também os ladrões, os mendigos, os huguenotes, os lobos e os lacaios, que guerreavam contra todos os demais. Os burgueses continuavam a armar-se contra os ladrões, contra os lobos, contra os lacaios – muitas vezes contra os nobres e huguenotes –, algumas vezes contra o rei, mas jamais contra o cardeal e o Espanhol. Resultou então desse hábito adquirido que, na supracitada primeira segunda-feira do mês de abril de 1625, os burgueses, ouvindo barulho e não vendo nem o estandarte amarelo e vermelho nem o séquito do duque de Richelieu, acorreram à estalagem do Franc Meunier.

Lá chegando, puderam todos ver e identificar a causa daquele rumor.

Um rapaz... tracemos seu retrato de uma penada: imaginem dom Quixote aos dezoito anos, dom Quixote sem peitoral, sem loriga e sem perneira, dom Quixote num gibão de lã cuja tonalidade azul transformara-se numa mistura indescritível de borra de vinho com azul-celeste. O rosto comprido e moreno; a maçã do rosto saliente, sinal de esperteza; os músculos do maxilar superdesenvolvidos, indício infalível pelo qual reconhecemos o gascão mesmo sem boina, e o moço usava uma boina enfeitada com uma espécie de penacho; olhar franco e inteligente; um nariz adunco, mas finamente desenhado; alto demais para um adolescente, baixo demais para um homem feito, e a quem um olho de pouco treino teria tomado pelo filho de um fazendeiro em viagem, exceto pela longa espada, que, pendurada num boldrié de pele, batia nas panturrilhas de seu proprietário quando ele estava a pé e no pelo arrepiado de sua montaria quando estava a cavalo.

Pois o nosso mancebo possuía uma montaria, e essa montaria era de tal forma notável que logo foi notada: era um pangaré do Béarn, com doze ou catorze anos de idade, amarelado, sem crinas no rabo, mas não sem gabarros nas patas, e que, apesar de marchar com a cabeça mais baixa que os joelhos, o que tornava inútil o uso do cabresto, ainda fazia regularmente seus quarenta quilômetros diários. Infelizmente, as qualidades do animal ficavam tão bem-escondidas sob seu pelo estranho e aspecto incongruente que, numa época repleta de peritos em cavalos, a aparição do supracitado pangaré em Meung, onde entrara fazia uns quinze minutos pela porta de Beaugency, gerou um sentimento de menosprezo que recaía também sobre seu cavaleiro.

E esse sentimento havia sido de tal forma penoso para o jovem d'Artagnan (assim se chamava o dom Quixote desse outro Rocinante) que ele até desistira de dissimular o aspecto ridículo que lhe conferia, por melhor cavaleiro que fosse, uma cavalgadura daque-

las. Da mesma forma, com um grande suspiro, aceitara aquele presente do sr. d'Artagnan pai. O jovem não ignorava que semelhante animal valia pelo menos vinte libras e, verdade seja dita, as palavras que acompanharam o presente não tinham preço:

– Meu filho – dissera o fidalgo gascão, naquele puro sotaque do Béarn do qual Henrique IV nunca conseguira se livrar –, esse cavalo nasceu na casa de seu pai, já se vão quase treze anos, e aqui permaneceu desde essa época, o que o obriga a amá-lo. Não o venda nunca, deixe-o morrer tranquila e honradamente de velhice e, se for levá-lo para a batalha, trate-o como trataria um velho criado. Na corte – continuou o sr. d'Artagnan pai –, se porventura tiver a honra de lá se apresentar, honra à qual, em todo caso, sua velha nobreza o habilita, defenda dignamente seu nome de fidalgo, dignamente sustentado por seus ancestrais há mais de quinhentos anos. Por você e pelos seus – pelos seus, quero dizer os parentes e amigos –, não tolere nada a não ser do sr. cardeal e do rei. É com bravura, preste atenção, e com bravura apenas, que um fidalgo abre caminho nos dias de hoje. Aquele que vacila um segundo talvez esteja deixando escapar o anzol que, justamente durante aquele segundo, a fortuna lhe estendia. Você é jovem, e deve ser um bravo por duas razões: a primeira é por ser gascão, e a segunda, por ser meu filho. Não se furte às oportunidades e procure as aventuras. Ensinei-lhe o manejo da espada; você tem um jarrete de ferro, um punho de aço. Bata-se por qualquer motivo, ainda mais que os duelos estão proibidos, havendo, por conseguinte, duas vezes mais coragem em se bater. Só tenho para lhe dar, meu filho, quinze escudos, meu cavalo e os conselhos que acaba de ouvir. A isto sua mãe acrescentará a receita de certa pomada que ela recebeu de uma cigana, cuja virtude milagrosa pode curar qualquer ferida que não seja do coração. Faça bom uso de tudo, viva alegremente e por muito tempo. Tenho apenas mais uma palavra a acrescentar, e é um exemplo que lhe ofereço, não o meu, considerando que nunca estive na corte e só participei das guerras de religião

como voluntário. Refiro-me ao sr. de Tréville, que foi meu vizinho no passado e teve a honra de, ainda criança, brincar com nosso rei Luís XIII, que Deus o guarde! Às vezes suas brincadeiras degeneravam em confronto, e nesses confrontos nem sempre o rei era o mais forte. Os golpes que recebeu só fizeram aumentar sua estima e amizade pelo sr. de Tréville. Mais tarde, o sr. de Tréville bateu-se com outros: em sua primeira viagem a Paris, cinco vezes; depois da morte do finado rei e até a maioridade do jovem, sem contar as guerras e os cercos, sete vezes; e, desde a maioridade real até hoje, cem vezes, quem sabe! Assim, apesar dos éditos, das ordenações e dos decretos, ei-lo capitão dos mosqueteiros, isto é, chefe de uma legião de césaes, que contam com grande apreço do rei e que o cardeal teme – ele que não teme muita coisa, como todos sabem. Além disso, o sr. de Tréville ganha dez mil escudos por ano; logo, é um poderoso grão-senhor. Começou igual a você, procure-o com esta carta e espelhe-se nele, a fim de agir como ele.

Nesse ponto, o sr. d'Artagnan pai afivelou em seu filho sua própria espada, beijou-o carinhosamente nas duas faces e deu-lhe a bênção.

Ao sair do quarto paterno, o rapaz encontrou a mãe, que o esperava com a famosa receita, da qual os conselhos que acabamos de reportar sugeriam um uso bastante frequente. As despedidas, desse lado, foram mais longas e carinhosas do que haviam sido do outro, não que o sr. d'Artagnan não amasse seu filho, que era sua única prole, mas o sr. d'Artagnan era um homem, e teria visto como indigno de um homem entregar-se à emoção, ao passo que a sra. d'Artagnan era mulher, e, além de tudo, mãe. Ela chorou abundantemente, e mencionemos, à guisa de elogio ao sr. d'Artagnan filho, que, não obstante seus esforços para permanecer firme como devia ser um futuro mosqueteiro, a natureza venceu, e ele acabou derramando muitas lágrimas, metade das quais conseguiu esconder com grande dificuldade.